

Redacção e administração  
R. de S. Martinho

AVEIRO

# POVO DE AVEIRO



Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMÁNARIO REPUBLICANO

Numero 252

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 13200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 13300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 24500. Semestre, 13500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.

NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º ANNO

## A QUESTÃO CLERICAL

### As Congregações em França

Foram os frades, como dissémos, que romperam as hostilidades.

Em Toul, em Saumur, e n'outros pontos, muitos d'elles recusaram submeter-se á lei e começaram a fazer propaganda activa contra a Revolução.

Aulard, o auctorisadissimo escriptor, diz a esse respeito, no seu livro *La Révolution Française et les Congrégations*:

«Vê-se por estes exemplos, e seria facil apontar muitos outros, que se os homens da Revolução vieram a tratar as congregações religiosas como inimigas foi pelos mesmos motivos que produziram a sua desavença com a Igreja catholica em geral, isto é, por causa da constituição civil do clero e em particular por causa do juramento imposto aos ecclesiasticos ao applicar-se aquella constituição. (1) Os patriotas tinham começado a Revolução d'accordo com uma grande parte do clero; tinham esperado continua-la e acaba-la com o estabelecimento d'uma igreja verdadeiramente gallicana, verdadeiramente nacionalizada. Succedeu o contrario. Foi esse intuito que, mallogrando-se, produziu a ruptura definitiva entre a Igreja e a Revolução e produziu as circumstancias de que resultaram a guerra civil, a guerra estrangeira, as violencias, as desgraças, o aborto parcial da Revolução.»

Que ponham aqui os olhos os que ingenuamente pretendem uma *Egreja Nacional*, uma *Egreja Republicana*, uma *Egreja Liberal*! Defendeu-a o sr. Bernardino Machado na sua ultima conferencia de Coimbra. Ingenuidade! Utopia! Erro enorme, salvo o devido respeito! Erro de que tanto soffreram os republicanos em França! Erro que, sobre todos, matou as duas primeiras republicas francezas, e tem posto á beira do abysmo, por mais do que uma vez, a terceira republica, a republica nascida de Sédan, a republica de 1870!

Nós o demonstraremos, nitidamente e cabalmente, no decorrer d'estes artigos.

Foram, pois, os frades os primeiros a romper as hostilidades.

Antes d'isso, até Robespierre os tratava com brandura e generosidade, como se pôde vêr do discurso que pronunciou em sessão de 19 de fevereiro de 1790.

Lançado o repto, a *Assembléa Nacional*, é claro, acceitou-o e levantou-o. Em sessão de 4 de

agosto de 1792, lê-se uma carta de Lacombe Saint-Michel, Gasparin e Carnot, commissarios da Assembléa em Soissons, em que elles dizem que uma antiga abadia de Notre-Dame, convertida em *antro da mais pestilencial aristocracia*, e occupada por 49 freiras, era ampla bastante para d'ella se fazer um magnifico hospital e com quartel que podesse conter 2:000 homens. Os commissarios pediam á Assembléa que promulgasse um decreto a tal respeito.

Esta carta deu logar a muitos debates. Charlier propoz que todas as casas ainda occupadas por frades e freiras fossem evacuadas até ao dia 1 de outubro seguinte. Assim se resolveu.

Em 7 de agosto, a Assembléa fixou a pensão a conceder ás religiosas e aos religiosos expulsos. D'esta fórma, pelos dois decretos, um de 4, outro de 7 de agosto de 1792, foram supprimidas definitivamente, e radicalmente, as congregações regulares.

Restavam as congregações seculares, aquellas onde não existiam votos monasticos solemnes, simples associações de padres ou leigos, vivendo em commum, para obras de caridade e ensino.

«Mas para desempenhar estas funções,—dizia Massieu, relator do primeiro projecto que contra essas congregações foi apresentado á Assembléa,—é preciso pertencer a uma corporação qualquer? Não se exerce a caridade, nem o ensino, nos paizes que não conhecem estes estabelecimentos? Quando uma pessoa é bastante moderada nos seus desejos para se contentar com o alimento e com o vestido, tornando-se util aos outros, tem alguma precisão de pertencer a uma rica sociedade, cujos bens não são propriedade de ninguem, tornando-se, ás vezes, patrimonio de chefes menos discretos e menos escripturarios? Para ensinar a mocidade, o que mais é preciso do que bons costumes e talento? Para ensinar a religião e formar os seus ministros, ha necessidade d'outra coisa que não seja o espirito do Evangelho?»

Para prestar á humanidade que soffre os cuidados que ella requer, é preciso mais do que caridade?»

O 2.º projecto foi feito por Gaudin. Mais energico ainda do que o 1.º atacava principalmente as congregações ensinantes.

«São o asylo e o foco do fanatismo. Ahi o vae beber a mocidade; para o espalhar, depois, em todas as classes sociaes.

Essas sociedades tiram a sua força da sua reunião.

Apressae-vos, senhores, a despedaçar-lhes esse ponto de apoio. Quando os seus membros se encontram isolados e dispersos, a acção das suas forças terá necessariamente menos energia. Vós o vistes já pelo exemplo dos frades.

E' um erro, de que se tem abusado muito, julgar que essas associações podem ser necessarias ao ensino. Ao despotismo convinha-lhe que se acreditasse n'esse erro, como meio de circumscrever as

idéas do povo ao circulo estreito que elle queria traçar; mas repugna essencialmente á Constituição d'um povo livre. Que educação se poderia adquirir n'essas casas, cada uma com o seu interesse particular e as suas maximas especiaes, mas todas tingindo, necessariamente, dos seus preconceitos, todas as idéas que são encarregadas de comunicar?»

O que importa verdadeiramente á patria é que o ensino publico em tudo se harmonise com a lei; que inspire o amor e, ao mesmo tempo, este vivo sentimento da liberdade, que é, juntamente, o fructo mais precioso da nossa Constituição e a arma mais temivel e poderosa para a defender.»

Taes eram os grandes principios da admiravel Revolução, hoje tão esquecidos d'aquelles mesmos que se dizem liberaes, e tão ignorados!

Este projecto foi deposto na camara em 10 de fevereiro de 1792. A discussão, que começou em 6 de abril, só terminou em 18 de agosto, quando o rei já estava deposto.

Durante ella surgiram emendas e propostas interessantes.

Gaudin ainda deixava de pé algumas corporações hospitalares. Lagrévol e Torné propozeram que se supprimisse tudo.

Torné propoz tambem que fosse abolido e prohibido, sendo apenas permitido dentro dos templos, o uso da sotaina ou habito ecclesiastico, aos religiosos d'um e d'outro sexo.

«E' assim, senhores, que a abolição do habito ecclesiastico se offerece ao legislador como uma medida de grande alcance politico, ao passo que aos olhos do homem superficial não será mais do que uma frivola questão de toilette. Como deixar subsistir signaes perpetuos de corporações extintas perpetuamente? Depois da injustiça nada avilta tanto o legislador como a inconsequencia, vistas curtas, theorias incompletas.

Permittir que trajes singulares sobrevivam a corporações amniquiladas pelo sopro da liberdade, permittir que tragam incessantemente ao povo ignorante recordações perigosas e ao publico esclarecido recordações inspidas, não será manter a liberdade de trajar, será ameaçar constantemente os cidadãos com o regresso da superstição e do fanatismo.»

A 18 de agosto, d'esse anno de 1792, foi emfim votado o projecto com as emendas referidas. Decretou-se a abolição completa de todas as confrarias, associações, congregações seculares de homens e mulheres, incluindo aquellas que se dedicavam exclusivamente ao serviço dos hospitaes e allivio dos enfermos. Tambem se decretou, e este artigo foi votado quasi por unanimidade, a abolição de todos os trajes religiosos, salvo quando os ministros de qualquer culto estivessem no exercicio das suas funções.

«Foi assim, escreve Aulard no livro já citado, que a Assembléa legislativa supprimiu todas as congregações, as regulares por decreto de 4 de agosto de 1792, as seculares por decreto de 18 de agosto do mesmo anno, concedendo aos individuos que as compunham pensões vitalicias.

Não parece que essas suppressões hajam causado qualquer perturbação. Não vemos, nos jornaes do tempo, que houvesse nenhum tumulto, nenhuma sedição por occasião da expulsão dos religiosos ou das religiosas, quando se encerravam os conventos. Só sabemos que no Doubs foi preciso empregar a força para dispersar alguns solitarios de Fontanelles que recusavam sahir da sua casa (outubro de 1792); mas esse incidente, de que só ficou memoria n'um jornal local e não causou, parece, a minima emoção. A applicação dos decretos de 4 e 18 de agosto de 1792 fez-se em toda a França em alguns mezes; as congregações e associações religiosas, mesmo seculares, achavam-se d'esta fórma supprimidas de facto e de direito, e, até ao Consulado, não se viu reaparecer nenhuma.»

E' singularissimo, este facto. Nunca, desde a Revolução até hoje, a Republica tomou medidas energicas contra as congregações, e o clericalismo em geral, que não conseguisse, sem luctas armadas dignas de menção, apezar de terriveis prognosticos de motins e revoluções, o seu intento. Nunca transigiu que não correspondesse perigos sérios e imminentes, perigos gravissimos, de succumbir.

E' um facto historico, de alta importancia, que nós demonstraremos.

De altissima importancia! Apprendam ali os que são capazes de aprender.

DR. BERNARDINO MACHADO

Já quasi todos os artigos d'este semanario estavam compostos quando recebemos o supplemento da *Resistencia* com o extracto da conferencia realisada segunda-feira ultima, em Coimbra, pelo eminente professor da Universidade, o sr. dr. Bernardino Machado.

Por esse motivo, e por ser muito longo o referido extracto, não o publicamos na integra, como era nosso desejo, em homenagem ao illustre conferente, e bora não estejamos de accordo com todas as affirmações feitas por s. ex.ª.

José Luciano

E', felizmente, mais animador o estado do sr. conselheiro José Luciano de Castro. Muito estimamos.

O sr. José Luciano de Castro nasceu n'uma das freguezias d'este concelho e aqui passou a sua juventude. E' um dos filhos d'esta terra. Filho illustre pelo seu talento, e, tambem, pelo seu caracter.

Lamentamos muitos dos erros politicos do illustre chefe do partido progressista. Não lhe perdoamos a sua obra de collaboração monarchica, n'este periodo decadente que vamos atravessando. Mas, no meio de tudo e de tantas, o sr. José Luciano de Castro ainda tem sido um dos melhores caracteres do nosso tempo.

Folgamos em poder reconhecer essa virtude n'aquelle por quem sentimos a natural sympathia de compatriota.

## TRIGOS

O lavrador, em geral, conhece as melhores variedades de trigos? Sabe quaes são as mais adequadas a esta ou áquella região, a este ou áquella clima portuguez? Procurou boas sementes e experimentou-as?

Sabe quaes são as terras mais proprias para a cultura do trigo? As que dão mais rendimento e as que dão menos? Sabe aduba-las convenientemente? Sabe corrigi-las?

Emfim, adoptou todos os meios, empregou todos os recursos, muniu-se de todos os conhecimentos necessarios para tirar da terra quanto ella, intelligentemente, pôde dar?

Antes d'isso, e sendo certo ainda que temos enormes tractos de terreno inculto, como o illustrado correspondente do *Debate* reconhece, poderemos concluir, pelo facto de serem frequentes os annos de mau trigo, que Portugal não está debaixo da zona cerealifera?

Parece-nos arrojada a conclusão.

Não desconhece *Um Lavrador* a importancia extrema de todas as questões de economia rural, algumas das quaes ficam atraz enunciadas. Não desconhece, tambem, a ignorancia absoluta, a tal respeito, da enorme maioria dos cultivadores. Elles ignoram a propria natureza do terreno que estão lavrando. Não sabem se é calcario, se é argilloso, se é silicioso, se é argilloso e calcareo ao mesmo tempo, ou o que é. Elles ignoram que as exigencias absolutas do trigo, em elementos fertilisantes, são, por exemplo, o azote, o acido phosphorico, a cal e a potassa. Não sabem que a planta ora quer uns, ora quer outros, ora quer mais, ora quer menos, d'esses principios fertilisantes. Ignoram que se derem demasiado azote ao trigo, que d'elle gosta, aliás, favorecem a vegetação herbacea em prejuizo do grão, e favorecem, ainda, as vegetações cryptogamicas parasitarias. Não sabem que os solos argillosos são ricos em potassa e pobres os solos siliciosos ou calcareos. Que nos solos argillo-calcareos o rendimento depende do acido phosphorico e do azote. Que as exigencias do trigo de inverno não são precisamente as mesmas que as exigencias do trigo da primavera, pois este absorve mais azote e potassa do que aquelle. Emfim, d'essa questão de adubos, que é complexa, que é difficil, que varia d'aqui para alli, que é d'uma importancia capital, ou seja sob o ponto de vista tecnico, ou seja sob o ponto de vista economico, não possuem, em regra, noções absolutamente nenhuma.

Fazem ahi o que fazem na lavra, o que fazem na sementeira, o que fazem em tudo: é á moda do pae Adão, ou ao acaso.

Mais isto são questões práticas, cujo conhecimento se torna uma necessidade imprescindivel.

Já não queremos falar nas altas questões de economia rural, por assim dizer de character mais doutrinario, como as que dizem respeito á população e sua distribuição, ao imposto, á assistencia, ao trabalho, ao salario, ao regimen da propriedade, á divisão do solo, etc. As trevas, ahi, são mais profundas ainda.

Em face d'essa ignorancia, em face dos nossos processos rotineiros, como se pôde concluir que Portugal, pela circumstancia de termos tido annos de más colheitas,

(1) O juramento era este, aliás extensivo a todos os funcionarios militares e civis do Estado: «Juro ser fiel á nação, e manter a liberdade e a egualdade, ou morrer defendendo-as.» Não se imagina a revolta da padealhada contra este juramento tão simples!

Cartas d'Algueres

3 DE JUNHO.

O sr. dr. Bernardino Machado realisou em Lisboa uma conferencia defendendo a intervençao do partido republicano nas proximas eleicoes, e logo no dia immediato a Junta do Sul, ou coisa parecida, resolveu que o partido republicano fosse a urna.

Ao mesmo tempo a conferencia do sr. dr. Bernardino Machado foi publicada, integralmente, em todos os diarios republicanos, sem que nenhum d'elles, mesmo dos que, directa ou indirectamente, tinham advogado a abstençao, acompanhasse a publicaçao do mais pequeno commentario ou da mais insignificante observaçao.

Quer isto dizer que o partido republicano tem, enfim, um chefe. A palavra d'orden soltada pelo sr. Bernardino Machado foi ouvida, acatada e cumprida. E tendo alguns outros honrados eminentes do mesmo partido expressado opinioes differentes, não ha duvida nenhuma que a pressa e unanimidade, com que o sr. Bernardino Machado foi ouvido e obedecido, indicam bem que é elle o chefe, consagrado e indiscutivel, do partido republicano portuguez.

Folgamos. O sr. Bernardino Machado tem auctoridade moral e intellectual para tudo isso e para muito mais. Simplemente achamos extranho que o partido republicano, querendo ser um partido democratico, faça d'estas surpresas á gente, e não houvesse já proclamado ao paiz, ao qual deve satisfacões, aquella honrada e, por tantos titulos, honrosa chefatura.

Assente este ponto, não disenti-mos as resoluções do sr. Bernardino Machado, nem as do partido republicano, sobre a intervençao no acto eleitoral. O Povo de Aveiro não disse até hoje uma palavra a esse respeito e fez bem. Nessa attitudede se deve conservar. Em principio, é incoherente e indecoroso que um partido democratico não póde, nem deve, desprezar a eleiçao. Relativamente ao estado das coisas em Portugal, attendendo ao estado de desorganizaçao do proprio partido republicano, parece-nos que este não ha de tirar vantagens nenhuma do resultado eleitoral. Fica mais vexado e mais desmoralizado do que até ali. Os que não são republicanos, mas que costumam votar contra a monarchia, não vão á urna. Os *immorties principes* não tem sobre elles força para tanto. E muitos dos que são republicanos tambem lá não vão. Desenganam-se, que não vão. Isto não é a Suissa, nem nenhum d'esses povos educados que tanto, e tão justamente, provocam a nossa admiraçao. E o primeiro dever dos homens publicos é proceder e legislar em relaço aos paizes onde vivem. Os nossos republicanos vão á urna quando a lucta os excita. Sem lucta, só para affirmar principios, vão os que vão. De modo que os votos que a urna ha de dar, d'aqui a dias, ao partido republicano, não hão de ser de natureza a enche-lo de prestigio, n'um paiz em que só o exito verdadeiramente se impõe, como, aliás, em toda a parte. Sem falar nas burlas dos recenseamentos e nas batotas do acto eleitoral!

Mas isso não é commosco. Lá se avenhám.

A conferencia do sr. Bernardino Machado, porém, — e este ponto, agora, interessa-nos mais — não teve simples caracter eleitoral. Tambem teve caracter de conferencia programmatica. E já outras se annunciám no mesmo sentido. O sr. Bernardino Machado, ao que lémos em varios periodicos republicanos, vai por esse paiz fóra fazer conferencias electorales, e, ao mesmo tempo, expor o programma do partido republicano.

Então no partido republicano, com tantos annos já de existencia, nunca ninguém expoz programmas? Não ha um programma official d'esse partido? Tudo isso são surpresas para nós!

Mas bem. O sr. Bernardino Machado, chefe do partido republicano, expõe um novo programma e está no seu direito. Homens novos, vida nova. E' ou não é o sr. Bernardino Machado o chefe supremo do partido republicano? Se é, como os factos estão indicando; e não accéita o programma

ou programmas que já existiam, está no seu direito.

Não dis-entiremos esse caso. Mas, admittido que s. ex.<sup>a</sup> tem o plenissimo direito de repudiá os programmas existentes no partido republicano, admittido fica que os simples democratras como nós tem tambem o direito de, pelo menos, discutir as affirmações de s. ex.<sup>a</sup>. Admittido que o illustre professor tem o plenissimo direito de expôr e affirmar principios, sem dar satisfacões a ninguém, admittido fica que os outros tem igual direito. E, pela nossa parte, usamos d'elle.

Todos os jornaes republicanos publicaram o extracto da conferencia de Coimbra sem a menor observação, apezar de n'elle se desmentirem varias affirmações da propaganda d'esses periodicos. Não se admire o illustre professor. No partido republicano nunca houve dissidencias por causa de principios. Todos estão de accordo com a verdadeira e com a inversa. Foi sempre assim. Nunca houve dissidencias senão por causa de pessoas. Elles o dizem, e é verdade.

Pois commosco não succede isso. Temos pelo sr. Bernardino Machado a maior admiraçao, muita sympathia, podemos dizer: verdadeira estima. Mas, sem que essa admiraçao diminua em nada, nem essa sympathia, nem essa estima, desde que s. ex.<sup>a</sup>, em nome dos republicanos, affirmou em publico principios contrarios aos nossos, nós, em publico, e não ao ouvido de s. ex.<sup>a</sup>, nós, republicano, e republicano que nos prezamos, temos, não só o direito, mas a rigorosa obrigaçao de dizer bem alto: **Não concordamos.**

E dizemo lo. Ou os outros gostem, ou não gostem. Ou nos censurem, ou nos applaudam.

O sr. Bernardino Machado disse: «Que pretendemos em religião? Pretendemos que todos tenham o direito de escolher o seu culto; e, dentro do culto catholico, que é o nosso culto tradicional, a QUE TODOS QUEREMOS MUITO, porque, ainda quando não seja o d'alguns de nós, foi o de nossos paes, e é o de quasi todas as nossas mulheres, pretendemos que a nossa igreja-matriz e a nossa seminario diocesa, o governado pelos nossos parochos e bispos, da nossa escolha, porque são da escolha da nação, se não substituam as capellas e os noviciados da propaganda romana, que ás nossas misericordias, irmandades e confrarias da nossa eleiçao se não substituam as congregações religiosas adscriptas passivamente á obediencia de Roma, e não mesmo da Roma do papa branco, mas da Roma do papa negro.»

O direito de escolher o seu culto é coisa muito vaga. Do que se segue a essa affirmação deprehende-se que o sr. Bernardino Machado, concedendo a liberdade de cultos, mantem a religião catholica, a que todos queremos muito, como religião do Estado, dando-lhe o caracter de Igreja Nacional.

**Não concordamos.** Chegamos mesmo a protestar contra a phrase a que todos queremos muito. Pela nossa parte, nem muito, nem pouco. Se o culto catholico foi o de nossos paes, tambem a monarchia foi o regimen politico d'esses nossos paes. Porque havemos de querer muito ao culto catholico, que foi dos nossos paes, e não havemos de querer muito á monarchia, que tambem foi d'elles? Sejamnos coherentes.

O culto catholico é o de quasi todas as nossas mulheres? Havemos de lhe querer muito, por isso? E' de lamentar que só n'esse ponto estejamos dispostos a dar á mulher a prioridade e a superioridade!

Sejamnos coherentes. Não concordamos com essa doutrina. Nada diriamos se não fosse formulada em nome de todos os republicanos e em tom de programma. Mas como o foi, ali fica o nosso protesto e o nosso desacordo.

E, posto isso, continuamos a nutrir pelo sr. dr. Bernardino Machado a consideração, o respeito e a estima, que o seu caracter e o seu talento a todos impõem.

A. B.

Abundancia

Tem chegado do sul, pelo caminho de ferro e via maritima, grande quantidade de curapatu salgado. Tem sido um bem, principalmente para as classes menos abastadas.

alimentares quasi todos os terrenos cotados abaixo de 250 metros. D'esta exposiçao das condições phisicas do nosso paiz resulta, como natural consequencia, que não é á falta de terras aptas para a produçao de substancias alimenticias, que o deficit das subsistencias, no consumo nacional, é todos os annos de muitos milhares de contos.»

N'outra parte do mesmo livro, diz mais o referido escriptor:

«Assim, emquanto o deficit geral do trigo na Europa é somente para 8 e meio por cento da sua população total, é em Portugal para 16 a 18. Com as provadas aptidões da região transtagnana, e de uma parte da Extremadura, para a produçao de cereaes, e em duas provincias onde as terras incultas cotadas abaixo das altitudes improductivas são extensissimas, não é por certo uma utopia de economista esperar um augmento de produçao nacional, equivalente pelo menos ao nosso deficit de cereaes.»

N'outra parte ainda, acrescenta: «Não falta terra, porque a terra sobeja. Não póde faltar o capital, porque ha para elle a mais firme de todas as garantias de juro. Não falta mercado, porque a produçao não chega para o consumo.»

O que falta então, perguntamos nós? O que falta, se nem temos trigo de boa qualidade, capaz de produzir pão branco?

Ao illustrado correspondente do Debate, que nasceu n'uma mediania abundante, não custa comer pão escuro. Nem a nós, que nascemos na miseria, e que passámos a infancia a comer broa e sardinha, e que broa e feijões passaríamos a comer, alegremente e exclusivamente, se d'isso resultasse a salvaçao d'este paiz. Mas não nos restando, a nós, duvidas nenhuma de que o pão branco é mais digerivel, mais alimenticio de que o pão escuro, parecendo-nos que no paiz se póde cultivar o trigo que produz esse pão, estando o povo acostumado a elle e não havendo, como se vê, conveniencia em lhe fazer perder o costume, outra vez perguntamos: o que falta para o cultivar? O que falta para matarmos o deficit da nossa importaçao?

Pois temos o trigo mais caro do mundo e nem sequer podemos cultivar trigo de boa qualidade?

Pois nem á sombra da lei mais escandalosamente proteccionista, que se poderia inventar, conseguimos obter o trigo preciso para o consumo nacional? O que falta?

Falta tino, falta instrucção, falta educaçao, falta orientaçao, falta civismo, acima de tudo. Somos um paiz de ignorantes, somos um paiz de cegos. Andamos a dar com a cabeça pelas paredes.

Então, morra Martha, morra farta. Se a lei da fome, que é essa lei de protecçao escandalosa, nem ao menos serviu para o lavrador melhorar e augmentar notavelmente as suas culturas, para aperfeçoar os seus processos, para se instruir, para se educar, para pôr o paiz ao abrigo da concorrência estrangeira, para nos dar esperanças, ao menos, de vir, com o tempo, a baratear os seus productos, se isto tem de acabar, mal por mal antes acabe com pão do que sem pão.

E, principalmente, se é certo que não estamos debaixo da tal zona cerealifera. Com muito mais razão, n'este caso, devemos clamar contra a lei dos cereaes. Vamos plantar couves, batatas, vinho, o que quizerem, mas deixemo-nos de matar o povo á fome, a pretexto de cultivar o que é de impossivel cultivação.

Desculpe-nos o illustrado auctor das cartas do Debate. Como elle diremos que o facto de sermos de opinioes differentes da sua, não diminua, de modo algum, a consideração e sympathia que nos merece e nos inspira.

«POVO DE AVEIRO»  
Em Lisboa, vende-se na tabacaria Monaco.

está fóra da zona cerealifera? Então tambem a França está fóra d'ella. Se nós temos tido más colheitas, tambem ella as tem tido. Se o trigo entre nós não tem chegado para o consumo, tambem lá não tem chegado. Más colheitas em França e más colheitas n'outros paizes. Apezar dos seus processos culturais serem bem mais aperfeçoados do que os nossos.

Mas o lavrador portuguez, dirá o illustrado correspondente do Debate, não tem culpa da sua profunda ignorancia. Não a tem o humilde. Mas tem-na o lavrador opulento. Em nenhum paiz, dos mais adelantados da Europa, ficou a instrucção, tanto a de primeiras letras como a instrucção profissional, a cargo exclusivo dos governos. Antes a iniciativa particular se adeantou sempre, em toda a parte, á iniciativa do Estado. E nunca deixou de a acompanhar.

O grande industrial, o grande lavrador, o grande commerciante, comprehendem muito bem que a garantia da conservaçao das suas fortunas, da de seus filhos, estava, antes de tudo, nos progressos nacionais, na riqueza collectiva, e que nem aquelles nem esta existiriam enquanto o povo vegetasse na mais profunda ignorancia. E instruiram-no, mais por interesse proprio, talvez, do que por simples amor á humanidade. E' o egoismo intelligente.

O Povo de Aveiro já aqui citou o caso de varios industriaes inglezes se colligarem para instruir o operario, a fim de que na lucta mundial não fosse vencido o ramo de industria que elles exploravam. Como se vê, a instrucção era, para elles, um simples instrumento de interesse. Não hesitavam em gastar enormes quantias na instrucção, para assegurarem melhor futuro á sua industria, que era assegura-lo aos seus filhos, que era assegura-lo á sua riqueza.

E' o egoismo largo, é o egoismo intelligente, em opposiçao ao egoismo tacaño de que, a todo o instante, dá provas o portuguez. Egoismo miseravel, filho da nossa ignorancia, da nossa estupidez. Dissémo-lo, mantemo-lo, e sem duvida que, agora explicado, não deixará um lavrador de concordar commosco.

O egoismo vem d'uma educaçao viciosa. Mas a educaçao viciosa resulta, quasi sempre, da falta de illustraçao, da falta de orientaçao, da falta de intelligencia.

O nosso lavrador rico limita-se, em regra, a explorar um escandaloso protecçao e, particularmente, a lei mais odiosa que sobre cereaes existe no mundo. Não pensa senão no lucro de momento que d'ahi lhe advem. Não quer saber de mais nada. Egoismo estúpido! Esquece-se de que ganha por uma vez, o que é bem mais precario do que ir ganhando menos continuamente. Esquece-se de que no dia em que essa lei acabar, porque se não póde manter, a agricultura portugueza, rotineira, ignorante, a essa hora desprotegida e abandonada, levará um rude golpe, de que pobres e ricos hão-de soffrer.

A todos os lavradores nós ouvimos proclamar que sem o actual regimen de cereaes a cultura do trigo não é remuneradora em Portugal. Porquê? Porque estamos fóra da zona cerealifera? Como já dissémos, não nos parece verdadeira esta opinioes. Concordamos com o illustrado correspondente do Debate em que o trigo, que produz o pão branco, se dá, de preferencia, nas planicies. Mas esta circumstancia, em vez de provar que Portugal não é um paiz de trigo, prova precisamente o contrario. E' um paiz de trigo e de bello trigo. Com effeito, o sr. Anselmo de Andrade, no seu Portugal Economico, avalia em 700 mil hectares a extensao dos terrenos que estão acima de 500 metros, em 2 milhões os que se elevam a uma altitude entre 200 e 500, e consequentemente em mais de 6 milhões os que estão abaixo d'essa cota, sendo este facto de grande importancia, sob o ponto de vista agrícola, por serem considerados aptos para a cultura das plantas.

Como ha mezes o fizemos sentir n'um artigo aqui publicado, a mania de reformar a orthographia nacional, que se apoderou de varios sabios e revolucionarios, é mais uma demonstração d'esse desvairamento que se nota em todas as coisas portuguezas.

Não ha duvida nenhuma que a orthographia, usada habitualmente, estava reclamando umas certas simplificações e umas certas regras, que a uniformisassem e facilitassem. Mas para se chegar a este resultado, era preciso respeitar, tanto quanto possível, o existente, e limitar a reforma só aos pontos que para a grande maioria offerecessem duvidas e em que a grande maioria estivesse de accordo. E' esse o caracter de todas as reformas e, sobretudo, das reformas d'este genero. Ninguém, com senso commum, altera ou destroe, pelo mero prazer de alterar ou destruir, pela vaidade de attingir o nome e a gloria de reformador, ou para satisfazer caprichos e caprichos de especialista. Principalmente de especialistas sem talento, que se tornam, então, uma verdadeira peste. E é o caso dos taes romanistas, que se arvoraram em auctoridades na orthographia portugueza.

Reforma-se o que é indispensavel reformar. E só isso. Reforma-se aquello que a intelligencia, e a consciencia do maior numero, accéitem sem grandes reluctancias. Reforma-se sem alterar o caracter fundamental da coisa reformada, e respeitandose as alteraçoes que o tempo e o uso sancionaram e impozeram como coisa de lei. D'outra fórma é perturbar, é confundir, é difficultrar, é anarchisar, o que se pretendia esclarecer, facilitar e normalisar.

Que precisamos temos nós de passar a escrever *prégúnta* em vez de *pergunta* e *enteiro* em vez de *inteiro*?

Estes reformadores, diz a si proprio, sem mais erudições nem indagações, um homem de juizo, não estarão idiotas?

Para que ha-de ser *tejo* em vez de *tijolo* *peçego* em vez de *peçego* e *acucar* em vez de *assucar*?

Não estarão idiotas?

E' a etymologia que está errada? Quando lhes dá na mania ser ultra-etymologicos, agarram-se á etymologia. Quando não lhes convém a etymologia, zombam dos ultra-etymologicos!

Escrevia-se assim nos velhos tempos? Vão retrocedendo e chegarão a andar com as mãos pelo chão. E, pelo que lhes diz respeito, acertaram então. Nunca deveriam ter ajudado com ellas no ar!

Ou seja etymologico, ou não seja, ou tradicional, ou não, desde que todo o mundo escrevia *pergunta* e *inteiro*, a que vem cá, e para que serve, o *prégúnta* e o *enteiro*?

Para que ha-de ser *acucar*, e para que ha-de ser *tejo*, se toda a gente escreve *assucar* e *tijolo*? Querem acabar com os dois ss? Para que os deixam n'outras palavras? E se é isso, que não é, porque não ha-de ficar *tijolo*, se toda a gente diz e escreve *tijolo*, seja ou não seja esta a verdade etymologica?

Isso é que é *simplificar*, *uniformisar*, *sistematisar*?

Eu tive a paciencia de lêr os dois livros mais notaveis do principal reformador, o sr. Gonçalvez Viana. Escrevo o nome como s. ex.<sup>a</sup> o escreve, porque, até esse ponto, tem s. ex.<sup>a</sup> direito a que lhe respeitem as alteraçoes que entendem dever fazer na sua propriedade. Li-os, mas não aconselho os outros a que o façam. Apanhei, de cada vez, uma dôr de cabeça que me durou tres dias, e não me convenci.

No primeiro—*Exposiçao da Pronuncia Normal Portugueza*—depois de uma phenomenal estopada sobre o *apparelho phonador* e os *phonemas*, de que eu não percebi patavina—porque sou estúpido, é claro, anticipo-me ao mestre, na qualificação, e aos seus discipulos, amigos, admiradores—de que não percebi patavina, ou pela minha estupidez ou pela minha natural aversão a pala-

vrões arrevezados, ás ancipites, ás dividuas, ás faucias, assibiladas, ciadas, avulares, larsaes, paginaes, apices, sub-superficiaes, marginos, velares, postero-palataes, medio-palataes, antero-palataes, cacuminaes, givras, e o diabo a quatro—é um verdadeiro pandemonium de nomes phantasticos—depois d'essa grandissima estopada, depois d'essa algaraviada sem significação e sem sentido, que só se admite e só se percebe á força, vai um homem cahir n'um alphabeto de 92 symbolos, ou como o auctor queira chamar-lhes.

Esse seria o alphabeto perfeito da lingua portugueza! Depois o reformador faz tres divisões das consoantes, e diz que o b, o d, e o m são sonoras e que o p e o t são surdas. Como o b, o d e o m, são sonoras o f, o z e o r. Mas, como o p e o t, são surdas o f, o s, e o c.

Isto póde-se lá tomar a sério? Não é um paiz de idiotas aquelle, em que se cahe de adoração deante d'um homem, só porque elle diz coisas que ninguem percebe, e que elle proprio não percebe?

Ha b e ha b cortado; ha d e ha d cortado; r e r com traço por cima; n e n cortado; e e e com peticula; z com um ponto por cima, z com dois pontos por cima, etc.

Chama-se a isto simplificar e, sem i grego, sistematizar!

Francamente, se o sr. Gonçalvez Viana não fosse um sábio no men paiz, socio da Academia Real das sciencias, varão cheio de veneras e coberto de respeito, eu atrevia-me a dizer-lhe, alto e bom som, duas palavras de irreverencia. Assim, contendo-me, domino-me, retraio-me, e só as digo baixinho, para que ninguem ouça, que é o mesmo que dizer: para que me não enforcuem.

No segundo livro de s. ex.<sup>a</sup> Orthographia Nacional—succeheu-me o mesmo que no primeiro. O sr. Gonçalvez Viana, que vem pôr as coisas no saõ, que dá taponna velha em todos os que não escrevem á sua moda, que chama pedantes—e com razão—aos que fazem ostentação de saber profundo, que troça—e muito bem—dos que levam a etymologia até aos exageros do ridiculo, conclue que se deve escrever pergunta, tejo, inteiro, etc, porque é essa a verdadeira scripta etymologica, a que respeita a tradicção da lingua, a tradicção antiga, tu multuariamente adulterada ha dois seculos, e muitas coisas mais.

E cravado? Cravado não será, tambem, a verdadeira scripta etymologica, não será, tambem, do tempo de D. Afonso Henriques?

E probe, que é a linguagem popular? E probresinho?

Sua excellencia esteve quasi para nos impingir jeolho, em vez de joelho, porque assim queria Duarte Nunes de Leão, e porque é essa a forma camoneana.

Pois devia fazer muito mais do que isso: devia-nos pôr a todos a escrever e a falar gallego. E tambem de fardos ás costas, ou a pau e corda. Conseguia-o, creia-o. E então é que sua excellencia era um grande, um verdadeiro reformador!

Pelo lado do rigor e da simplicidade etymologica, eis a que chega o sr. Gonçalvez Viana n'esse segundo livro Orthographia Nacional. Pelo lado do rigor e da simplicidade do alphabeto, lá o temos outra vez com a enormidade dos symbolos, com b e b cortado, n e n cortado, etc. E pôs nomes das letras quer tambem restabeleceda a tradicção. Cê háq (ch) ele háq (h) éu háq (nh) e assim por deante. Tudo escripto com penas de pato, que deve ser mais simples, de mais valor e de mais rigor.

Tal é o mais auctorizado dos reformadores da orthographia portugueza!

D'ahi para baixo é um horror, como todos sabem. O sr. Gonçalvez Viana ainda respeita muita coisa. Os imitadores não respeitam nada. Fizeram da lingua portugueza verdadeira lingua de preto.

Ai d'um rapaz que encontre n'um lycen um dos taes revolucionarios, e que não escreva como elle!

El' injuriado. Chamam-lhe estúpido, parvo, idiota. E se persistir, perde o anno!

N'uma grammatica portugueza, adoptada oficialmente, diz-se que é barbarismo—tal é a audacia dos reformadores!—escrever Cintra e Bussaco. Deve ser Sintra e Buçaco, que d'esta fórma se escrevia no tempo dos Ordonhos e das Urracas! Alexandre Herculano, dizem elles, e Camões, escrevião Sintra. Aqui convem-lhes Alexandre Herculano. Mas onde não lhes convém leva bordoada, como a dão em Garrett, e de grande, como a dariam, onde não lhes conviesse tambem, no proprio Camões, se não fosse demasiadamente escandaloso.

Tudo isto se faz sem um protesto. E á falta de protestos a pagodeira generalisa-se, os pagodeiros tornar-se-hão cada vez mais insolentes, cada vez mais atrevidos, e a lingua portugueza ficará mais réles, não tarda nada, do que a lingua dos habitantes negros de qualquer colonia africana.

O sr. Gonçalvez Viana sabe mil linguas, os outros glottologos sabem mil e uma, e, então, tudo se curva e cala deante das excellencias, que, pelo facto de saberem muitas linguas, podem inventar e impôr quantos desconchavos lhes venham á cabeça.

Basta que os não entendam! Desenganemo-nos: isto é um paiz unico.

“Commercio do Porto.”

Esteve em festa esta semana, por motivo do quinquagesimo anniversario da sua fundação, este nosso prezado collegio. Acompanhamo-lo com toda a sympathia. O Commercio do Porto, embora de caracter conservador, é um jornal patriota e honrado. Os seus serviços á liberdade e á beneficencia são dignos de registo e de reconhecimento publico. Cincoenta annos de esforços e de trabalho honesto em prol do paiz, constituem um verdadeiro titulo de gloria.

Não dizemos isto por mero cumprimento. Dizemo-lo como preito á verdade e á justiça.

Pedimos ao collega que aceite as nossas sinceras e calorosas felicitações.

Recebemos o numero commemorativo das bodas d'ouro do Commercio do Porto.

E espalhado gratuitamente em todo o paiz, em todos Estados do Brazil, em todas as colonias portuguezas e em algumas praças da Europa. O resto da edição vai ser distribuido na exposicção de S. Luiz de Missouri.

A capa é desenhada por Casanova. Traz artigos de quasi todos os colaboradores do Commercio, sendo os dos correspondentes estrangeiros nas respectivas linguas. O do Japão em japonês, o de Marrocos em Arabe, etc.

E illustrado com os retratos de Manuel de Souza Carqueja, dr. Henriques Carlos de Miranda e Francisco de Souza Carqueja, contendo tambem gravuras das installações do Commercio do Porto, das suas officinas, do primeiro prelo em que o jornal foi impresso, etc.

E' um bello numero, que, pela nossa parte, agradecemos.

Fabrica de conservas

Reuniram no domingo passado na sala da Associação Commercial d'esta cidade, varios individuos a fim de se arranjar capital necessario para uma sociedade anonyma para a exploracção d'uma fabrica de conservas, na costa de S. Jacintho, sendo o principal a sardinha.

Apoiemos a idéa e oxalá que o espirito retrogadista não faça ficar a iniciativa só em palavras.

A sardinha pescada n'esta costa é a que mais se presta para a conservar em latas, não só por sair limpa da escama quando a tiram do mar, como pela promptidão e rapidez com que ella póde ser transportada para o local da sua laboração que, segundo os mais entendidos, é isto o principal para a sua superioridade.

A sardinha d'Aveiro portanto tornar-se-ha em pouco tempo nuttissimo conhecida, não só no paiz como no Brazil e Africa.

E' mais um melhoramento que vamos ter na nossa terra e com que bastante nos congratulamos.

Na secção competente vai o annuncio, para o qual chamamos a attenção dos que queiram empregar com vantagem os seus capitães.

Ver na quarta pagina o folhetim O OLHO DE VI-DRO.

A nossa carteira

Já se encontra na Felgueira a fazer uso das aguas d'aquella instancia, o sr. dr. Francisco Antonio Marques de Moura.

Partiu para Lisboa s. sr. dr. Manuel Homem de Mello.

Tem passado encomodada de saude, mas já se entra melhor, a sr.<sup>a</sup> viscondessa de Carnaxide.

Partiu para o Porto, onde foi assistir ás festas do Commercio do Porto, o sr. Manuel Maria Amador, zeloso chefe da conservação das obras publicas.

Partiu para Paris, onde tenciona demorar-se to o mez de junho, o sr. Julio Mendes Barata, conceituado pharmaceutico de Lisboa.

Partiram para Lisboa os srs. Luiz de Mello Ribeiro Pinto, de Agueda, e Francisco Gomes Pablo, de Silves.

Têm estado em Lisboa, de onde regressam hoje á noite, o sr. João Marques da Cunha e sua ex.<sup>ma</sup> esposa, a sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Rocha.

Esteve esta semana n'esta cidade, o sr. Thomé Banca, negociante e depositario da caixa do correio da Quinta do Gato.

Ao sr. commissario de policia lembramos a necessidade de mandar policiar o jardim publico ás quintas-feiras e domingos, á hora em que alli toca a banda, a fim de evitar que a rapaziada em constantes correrias e algarazara infernal incomodem o publico.

Lembrámos isto a s. ex.<sup>a</sup>, convencidos de que dará as devidas providencias.

Canal de S. Roque

Proseguem com regular actividade as obras e limpeza, esperando-se que até ao fim d'este anno fique o canal desobstruido completamente.

Já retirou para Coimbra a companhia de cavallinhos depois d'aqui ter feito uma boa safra. Entrou com o pé direito, como se costuma dizer.

A senhorita Pilar, que aliás não prima pela belleza, teve o condão de trazer abananados velhos e novos.

Publicações a pedido PARA COMEÇAR

D'um nosso prezado assignante recebemos a seguinte informacção que nos pede para publicar, o que gestosamente fazemos:

O facto de não ter actualmente relações com o Director da Escola Normal de Aveiro, não impede que eu esteja a seu lado agora que um Barbaças, cateteiro e venal, procura ahocanha-lo.

Minha filha foi alumna d'aquella Escola, e teve sempre da parte do seu Director e professor as attentões mais respeitadas. Asseguro-o sob a minha palavra de honra, e creio ser insuspeito este depoimento.

Nesta data envio ao Director da Escola um documento autentico pelo qual provo que o Barbaças, na occasião em que era professor de minha filha, me pediu uma quantia relativamente importante com a qual comprei, na parte que lhe diz respeito, a approvação d'aquella. E digo comprei, porque até hoje este Catão de cebo não me procurou para me pagar sequer os juros.

Fica em meu poder a publica-fórma d'este documento, e autorizo o Director da Escola Normal de Aveiro a fazer do original que lhe envio o uso que entender conveniente, reservando para mim o direito de fazer outras revelações importantes sobre a duvidosa moralidade profissional do tal Barbaças que me não paga, mas fica sem pelle.

Conhecimentos uteis

RAGU DE ERVILHAS

Refoguem-se as ervilhas em tónico derretido ou em manteiga, depois de refogadas; deita-se-lhes uma pouca de substancia, uma capella de salsa, uma cebolinha com dois cravos e deixem-se cozer; tira-se-lhes a gordura, liguem-se com um culi de vitella e de presunto; e tendo bom gosto, serve para guarnições de entradas com sumo de limão.

Aos srs. agricultores pedimos para experimentarem o ADUBO ORGANICO que se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas. O preço de cada kilo é de 25 réis.

ANNUNCIOS FABRICA DE CONSERVAS EM AVEIRO

TENDO a commissão, para esse fim nomeada, emitido parecer favoravel á installação d'uma fabrica de conservas em Aveiro, por a julgar não só conveniente aos interesses da localidade, como vantajosa para os capitães n'ella empregados, deliberou-se na reunião preparatoria de hoje abrir a subscripção publica do capital de trinta contos de réis, indispensavel para dentro de alguns mezes apenas pôr a fabrica em laboração, sendo desde logo subscripta pelos cavalleiros presentes metade d'esta quantia.

Quem quizer pois concorrer para introduzir em Aveiro esta nova industria, de que tanto ha a esperar, encontrando ao mesmo tempo uma collocação vantajosa para os dinheiros que tiver disponiveis, queira indicar o nome e a quantia com que deseja subscrever, não inferior a cincoenta mil réis, em qualquer dos estabelecimentos do sr. Jeronymo Baptista Coelho, no seu escriptorio da rua do Caes, do sr. Domingos José dos Santos Leite, na rua José Estevão, e dos srs. José Antunes d'Azevedo, Successores, na Praça do Commercio, onde lhes serão dados quaesquer esclarecimentos que pretendam ácerca d'esta empresa. Aveiro, 29 de maio de 1904.

A commissão promotora, Domingos José dos Santos Leite Jacintho Agapito Rebocho Jeronymo Baptista Coelho João Marques da Cunha Gustavo Ferreira Pinto Basto.

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Mamel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentacção de todos os annuaes.

EDITAL

José Marques de Castilho, Director e Professor da Escola de Ensino Normal de Aveiro, etc.:

Faço saber que de 1 a 15 de junho proximo se recebem na Secretaria d'esta Escola os requerimentos dos Candidatos ao exame de Admissão á matricula no 1.<sup>o</sup> anno.

Os requerimentos dirigidos ao director da Escola, são escriptos e assignados pelos proprios e instruidos com os documentos seguintes: a) certidão de idade em que provem que tem pelo menos 16 annos e não mais de 25; b) certidão de approvação no exame de Instrucção Primaria; c) attestado medico.

Em occasião opportuna será affixado no atrio da Escola o aviso marcando o dia e hora para a inspecção medica e para as provas do exame, em conformidade com os art. 204, 206 e 208 do Regulamento de 19 de setembro de 1902.

Secretaria da Escola de Ensino Normal de Aveiro, 30 de maio de 1904.

O DIRECTOR, José Marques de Castilho.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açogue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do Matadouro Municipal de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote), tonelada réis 68:000, tripa larga 240 réis cada masso, tripa estreita 260 réis cada masso, couros todos os sabbados ao meio-dia, sebo, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

Advertisement for José Monteiro Telles dos Santos J. Dentista Mecânico. Includes text: Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que faltar qualquer dente; obtura a ouro, prata, platinha, e a amonite, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho importito. RUA DA BOA VISTA, (Em frente da Estação de JOSE ESTEVAM)

PRECISA-SE

D'UM trabalhador que saiba ler e escrever, que não tenha mais de quarenta annos, bem comportado, para serviço permanente, e com bom ordenado. A quem convier, procure n'esta redacção que se lhe darão as precisas indicações.

Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 25 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão

NESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellentes calçados feitos, tomando-se tambem encomenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedões se responsabilizam os annunciantes. Eternamente garantem a todos a modicidade de preços. Ver para crer

MINERVA

COMPRA-SE uma já usada, convindo em preço. Carta a esta redacção com as condições.

FOLHETIM

GAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

XVIII

Catequeze

Não obstante, as asperezas da vida, os jejuns, as penitencias, as orações mentaes e exercicios fatigantes de piedade foram diminuindo de dia para dia. No fim de trez mezes, o padre fallava ainda trez horas á milagrosa imagem de S. Francisco, e conversava seis horas com Francisco Luiz de Abreu.

Estava, pois, reduzido á piedade razoavel. Não mortificava a carne para manter o espirito na energia que se lhe requer em meditação das coisas divinas. Tinha horas regulares de oração, de aliamento, de visitar os seus enfermos, e de procurar no locutorio de S. Bernardino as quatro freiras.

Foi para Lisboa com o hebreu e com os filhos. Renovou a consulta sobre o destino d'elles. Permaneciam constantes na sua resolução. Um entrou no noviciado da ordem dominicana em Bemfica; e outro no collegio de Santo Antão.

O padre Braz foi beijar a mão de el-rei, que se compungiu da extemporanea velhice do celebre Olho de Vidro. Ouvia-lhe a historia pathetica da morte de Soror Josepha e da filha, saudosa de sua mãe, e o definhar-se das quatro meninas para quem a vida claustral fôra sempre incessante martyrio e desesperação de que a misericordia divina talvez pedisse contas a elle pae. Observou-lhe D. João V que levasse para sua companhia as quatro meninas.

— São freiras, são professoras, real senhor!... murmurou o padre.

El-rei mandou-o voltar no dia seguinte, e ordenou que lhe entregassem provisão régia e breve do nuncio para que as quatro freiras de S. Bernardino vivessem por tempo illimitado na companhia de seu pae.

Voltou o padre a Aveiro, e Fran-

cisco Luiz de Abreu acompanhou-o. N'este homem andava encavalgado o Lucifer da mais desenfreada philosophia que viu aquelle seculo. O pensamento que o esporeava era generoso; mas no inferno iria um dia de festa se elle vingasse a ideia execravel. Venceram os anjos custodios, que faziam guarda ao espirito do padre e das quatro filhas prometiças esposas de quatro serafins que as esperavam, posto que nem todas correspondessem ao convite amoroso dos serafins.

Quería Francisco Luiz de Abreu restituir a felicidade áquellas meninas, a felicidade terreal, mentira em que o hebreu ainda acreditava. Preparava o animo do filho de Antonio de Sá, inoculando-lhe a pegonha da duvida no dogma, e pelo consequente na moral. Discutia os chamados sacramentos da igreja. Dizia que o sacerdocio era a mais convencional e estúpida das instituições humanas com, grave ultrage de Deus, chamado a sancional-a, se Deus por acaso podesse existir e ser ultrajado por affrontas do homem, chamado irrisoriamente o rei da criação, á mingua de besta-fera que

se proclame com eguaes direitos á mesma realza. Dizia que esta bestial instituição cedia a primasia a outra, que era a da profissão da mulher; e que de estúpida passava a ferocissima quando a professa era violentada a jurar a perdição das suas alegrias de mocidade, e das suas esperanças de familia nas tristezas da velhice.

Amartelladas por largo tempo estas e similhantes ideias sobremodo impias, o hebreu puzera a pontaria em tirar de Portugal o padre e as freiras, leval-os onde rasgassem os habitos, e se vissem de repente restituídos á simpleza de creaturas formadas á imagem e simillhança do Creator, o qual, a ter existido, formára certamente homens e não padras, mulheres e não freiras: gente, no dizer de Moysés, apta e escorreita para formar individuos, aldeias, cidades, reinos, mundos.

Ouvia o padre as theses do seu amigo, defendidas por longo tempo com erudição digna de melhor serventia. Prodigioso poder da fé, quanto eu te admiro e venero! O padre resistiu nervosamente á seducção, e por pouco, no calor da refesta, não apre-

sentou uma ideia que destruisse os preconceitos do juden luciferino. Prodigioso poder da fé! exclava tambem Francisco Luiz, quando, inventariando os argumentos do seu amigo, não topava um que merecesse redarguição grave. E perguntava elle a si mesmo como era que aquelle homem tão embotado em agudezas de dialectica pudera escrever as «Agnias que vovam sobre a lua, e o sol nascido no occidente e posto ao nascer do sol!»

Desistiu: mas já lhe foi grandissimo contentamento vêr á beira de seu pae as quatro meninas, quatro exhumadas da lobrega crypta do convento, onde deixaram sem lagrimas as grammas que rastjavam na claustra sobre a campa de sua mãe.

Dizia elle, todavia, ao pae: — Crê que as caras marmóreas d'estas meninas tornem a reflorir? — Espero que sim.

(Continúa.)

EMPRESA CERAMICA

DA FONTE NOVA

Mello Guimarães & Irmãos

AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congengeres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

PREÇOS MODICOS

ESTABELECIMENTO

DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rêde para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO

TYPOGRAPHIA

POVO DE AVEIRO

Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

Especialidade em cartões de visita

Os ultimos 'escandalos de Paris.

Grande romance de Dubut de Laforest, illustrado de numerosissimas e esplendidas gravuras. Mais interessante que os *Mysterios de Paris* e *Rocambolo*. Romance de acontecimentos sensacionais e veridicos occorridos na actualidade. Obra moralissima pela edificação dos factos relatados e pelas injustiças que esses mesmos factos frequentemente annuncia. Brinde a todos os assignantes: Uma elegante capa de brochura para cada volume, impressa a duas côres e com desenhos apropriados ao assumpto tratado no mesmo volume. Um premio da Santa Casa da Misericordia de Lisboa nas condições dos prospectos em distribuição.

Fasciculo semanal de 40 paginas e 5 gravuras, 50 réis. Volume mensal de 160 paginas e 20 gravuras, 200 réis. Assigna-se em todas as terras do onde temos agentes, e na «Editora» — Lisboa — L. do Conde Barão, 50.

A AMBIÇÃO D'UM REI

por EDUARDO DE NORONHA

Obra illustrada com numerosas gravuras coloridas por Manuel de Macedo e Roque Gameiro, e impressa em magnifico papel.

Nova edição popular

Caderneta semanal de 16 paginas, 40 réis. Tomo mensal, 200 réis. Um exemplar GRATIS a quem remetter adeantamente a esta empresa a importancia de dez cadernetas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes. Aceitam-se pedidos de qualquer numero de cadernetas e tomos. «A Editora» — Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA

Precisam-se agentes em todas as terras do continente, colonias e Brazil.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO

por JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 — LISBOA.

Preço 200

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

- Ensino gratis. Garantia illimitada.
- A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
- Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
- Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
- Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente. Pedidos a

José Maria Simões & Filho

ANADIA — SANGALHOS

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79